

A man wearing a brown cowboy hat and a teal denim shirt is sitting on a wooden fence. He is looking down and to the right, with his right hand resting on his hip and his left hand touching the brim of his hat. The background is a weathered wooden wall.

*À sua*  
**ESPERA**  
**ABBI**  
**GLINES**

AUTORA DE *PAIXÃO SEM LIMITES*



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para meu filho, Austin. Que você se torne um homem ponderado, gentil, atencioso, generoso e que saiba como amar alguém de verdade. Homens assim são difíceis de encontrar. Espero estar formando um deles.*

## PRÓLOGO

REESE

— Venha aqui, garota! – A voz do meu padrasto trovejou pela casa.

Imediatamente meu estômago se revirou. Aquela angústia nauseante que surgia quando eu estava perto dele, sabendo o que faria comigo, era constante em minha vida.

Levantei-me lentamente da cama e pus de lado, com todo o cuidado, o livro que estava lendo – ou tentando ler. Minha mãe ainda não tinha voltado do trabalho. Já era para ter chegado. Eu não deveria ter voltado da biblioteca tão cedo. Um homem e sua filhinha tinham vindo até mim quando eu olhava os livros infantis ilustrados. Ele começou a falar comigo e perguntou meu nome. Queria saber se eu estava pegando um livro para minha irmã mais nova.

O constrangimento que me veio com aquela pergunta me lembrou de minha estupidez, como sempre.

– Garota! – rugiu meu padrasto.

Agora ele estava com raiva. Meus olhos arderam com as lágrimas não derramadas. Se ele ao menos só me batesse, como costumava fazer... Quando eu era mais nova e trazia meu boletim com notas baixas. Se ele só me xingasse e me dissesse quanto eu era imprestável... Mas não. Até um tempo atrás, tudo o que eu queria era que ele parasse de me bater. Odiava aquele cinto, e os vergões que ele deixava nas minhas pernas e no meu traseiro doíam muito na hora de sentar.

Então um dia ele parou. E imediatamente eu desejei que ele voltasse a me bater. A ferroada do cinto era melhor do que isso. Qualquer coisa era melhor do que isso. Até mesmo a morte.

Abri a porta do meu quarto e respirei fundo, lembrando a mim mes-

ma que eu podia sobreviver a qualquer coisa que ele fizesse. Eu estava economizando o dinheiro das faxinas que fazia e logo iria embora dali. Minha mãe ficaria feliz quando eu fosse embora. Ela me odiava. Fazia anos que me odiava.

Eu era um fardo para ela.

Puxei a camiseta para baixo e coloquei dentro do short. Então puxei o short para baixo, para que cobrisse minhas pernas o máximo possível. Na verdade, era inútil. Eu tinha pernas compridas, difíceis de cobrir. No brechó, nunca havia shorts compridos o suficiente.

Faltava pouco para minha mãe chegar em casa. Ele não faria nada correndo o risco de ser flagrado por ela. Mas eu me perguntava, caso isso acontecesse, se ela não me acusaria e diria que a culpa era minha. Ela já tinha me culpado pela maneira como meu corpo havia mudado quatro anos atrás. Meus seios tinham crescido demais, e ela dizia que eu precisava parar de comer porque minha bunda estava gorda. Tentei parar de comer, mas isso não ajudou em nada.

Minha barriga havia ficado lisa, o que só fizera meus peitos parecerem ainda maiores. Ela detestava isso. Então voltei a comer, mas a barriga gordinha nunca mais apareceu. Certa noite, quando passei pela sala vestindo uma calça de moletom cortada e uma camiseta, indo tomar leite antes de dormir, ela me esbofeteou e disse que eu parecia uma puta. Mais de uma vez ela disse que eu era uma puta burra que não tinha nada além da aparência para chegar a algum lugar na vida.

Entrei na sala, atendendo o chamado de Marco, meu padrasto, que estava sentado em sua poltrona reclinável com os olhos grudados na televisão e uma cerveja na mão. Ele tinha voltado mais cedo do trabalho.

Seu olhar pousou em mim e lentamente percorreu meu corpo, me fazendo tremer de repulsa. O que eu não daria para ser inteligente e sem peitos. Se minhas pernas fossem curtas e gordas, minha vida seria perfeita. Não era meu rosto que atraía Marco. Era muito comum. Eu odiava era o meu corpo. Odiava-o com todas as forças.

A náusea foi tomando conta de mim e meu coração disparou enquanto eu lutava para conter as lágrimas. Ele adorava quando eu chorava. Isso o deixava ainda pior. Eu não ia chorar. Não na frente dele.

– Venha sentar no meu colo – ordenou ele.

Eu não podia fazer isso. Tinha conseguido evitá-lo por semanas, ficando longe de casa o máximo de tempo possível. O horror de ter as mãos dele dentro da minha blusa ou do meu short era demais. Prefereria que ele me matasse. Qualquer coisa, menos as mãos dele em mim.

Como não me mexi, o rosto dele se contorceu num escárnio maligno.

– Traga essa bunda aqui, sua putinha estúpida, e sente no meu colo!

Fechi os olhos, porque as lágrimas estavam brotando. Precisava contê-las. Se ele apenas me batesse outra vez, eu aguentaria. Só não suportava era ser tocada por ele. Odiava os sons que ele fazia e as coisas que dizia. Era um pesadelo sem fim.

Cada segundo que eu me mantivesse longe era um segundo a menos que faltava para minha mãe chegar. Quando ela estava em casa, ele me xingava, mas jamais me tocava. Minha mãe podia desejar que eu não existisse, mas era minha única salvação daquele tormento.

– Anda, pode chorar... eu gosto – disse ele, zombando.

A cadeira dele rangeu, e então escutei o ruído do descanso dos pés. Abri os olhos e o vi se levantando. Mau sinal. Se eu corresse, não conseguiria passar por ele. A única opção era o quintal, mas o pit bull dele estava lá fora. O cachorro havia me mordido três anos antes, e eu tinha que ter tomado pontos, mas ele não me deixara ir ao médico. Ele me disse para cobrir a ferida; não ia sacrificar o cachorro por minha causa.

Fiquei com uma cicatriz horrível no quadril deixada pelos dentes do cachorro.

E nunca mais fui ao quintal.

Mas, vendo o sujeito vindo em minha direção, eu me perguntei se virar comida do cachorro não seria melhor do que aquilo. Era um meio de alcançar um fim: a morte. O que não parecia tão ruim.

Um segundo antes que ele me alcançasse, decidi que qualquer coisa que aquele cachorro fizesse comigo era melhor que aquilo. Então corri.

Ele soltou uma gargalhada atrás de mim, mas não deixei que esse gesto me retardasse. Ele não acreditou que eu fosse sair pela porta dos fundos. Pois se enganou redondamente. Eu enfrentaria os cães do inferno para escapar dele.

Só que a porta estava trancada. Eu precisava da chave para abri-la. Não. Não.

As mãos dele agarraram minha cintura e me puxaram para trás, de encontro à sua rigidez, que pressionava meu corpo. O gosto azedo do vômito queimou minha garganta quando tentei me afastar dele.

– Não! – berrei.

As mãos dele agarraram meus peitos e apertaram com força, me machucando.

– Sua puta estúpida. É só para isso que você serve. Não conseguiu terminar o ensino médio porque é burra demais. Mas esse corpo foi feito para satisfazer os homens. Aceite isso, sua vagabunda.

As lágrimas corriam pelo meu rosto. Não consegui segurá-las. Ele sabia o que dizer para me ferir.

– Não! – gritei outra vez, mas agora havia dor em minha voz, que falhou.

– Lute comigo, Reese. Eu gosto quando você luta comigo – sibilou ele em meu ouvido.

Como minha mãe podia continuar casada com esse homem? Será que meu pai era pior do que isso? Ela nunca se casara com ele. Nunca me falava dele. Eu nem sequer sabia seu nome. Mas ninguém podia ser pior do que esse sujeito horrroso.

Eu não podia suportar aquilo de novo. Estava cansada de sentir medo. Ou ele ia me bater até me matar ou ia me mandar embora. Por muito tempo eu temera ambas as opções. Uma vez minha mãe me disse que a única coisa que os homens pensariam ao me ver era sexo. Que eu seria usada por eles a vida inteira. Estava sempre me dizendo para ir embora.

Nesse dia eu estava pronta. Tinha apenas 855 dólares guardados, mas podia pegar um ônibus para o outro lado do país e conseguir um emprego. Se eu saísse dessa casa viva, era o que ia fazer.

A mão de Marco deslizou para dentro do meu short pela frente e eu o empurrei, gritando. Não queria a mão dele ali.

– Me solta! – gritei, alto o suficiente para os vizinhos escutarem.

Ele tirou a mão e me girou pelo braço com tanta rispidez que o fez estalar. Então me empurrou com toda a força contra a porta. Desferiu um soco no meu rosto, produzindo um estrondo. Minha visão se turvou e senti os joelhos amolecerem.

– Cala a boca, vagabunda, e aceite.

Suas mãos levantaram violentamente minha camiseta, e então ele puxou o sutiã para baixo. Solucei, porque não conseguia conter o horror. Aquilo ia acontecer, e eu não era capaz de detê-lo.

– Largue o meu marido, sua puta, e saia da minha casa! Não quero ver a sua cara nunca mais! – A voz da minha mãe conteve Marco, e ele tirou a mão dos meus seios.

Puxei a camiseta de volta para baixo. Meu rosto ardia por causa do soco, e senti o gosto de sangue nos lábios quando o corte embaixo da língua começou a inchar.

– Fora daqui, sua vadia burra e imprestável! – gritou minha mãe. Aquele momento mudou tudo.



## MASE

### *Dois anos depois*

Que inferno! Que barulho era aquele? Abri os olhos à medida que o sono se esvaía lentamente do meu cérebro e eu tentava entender o que havia me acordado.

Um aspirador de pó? E... alguém cantando? O que era aquilo?

Esfreguei os olhos e resmunguei, frustrado, enquanto o barulho ficava mais alto. Agora eu tinha certeza de que era um aspirador de pó. E parecia uma versão muito ruim de “Gunpowder & Lead”, de Miranda Lambert.

A tela do celular me informou que eram só oito da manhã. Eu havia dormido duas horas. Depois de trinta horas sem dormir, estava sendo acordado por alguém cantando muito mal e por um maldito aspirador de pó?

Quando a pessoa cantou os primeiros dois versos do refrão, eu me encolhi. Ela estava cantando mais alto. E era muito desafinada. Ela estava assassinando uma bela canção. Será que a mulher não sabia que não se entra na casa das pessoas às oito da manhã cantando a plenos pulmões?

Eu nunca ia conseguir voltar a dormir com aquela barulhada.

Nannette deve ter contratado alguém para limpar a porcaria da casa. Mas também, conhecendo Nannette, ela devia estar furiosa com minha presença e por não haver nada que pudesse fazer a respeito. Ela provavelmente pagou a mulher para se esgoelar bem na porta do meu quarto. Nannette não era a dona da casa, que era propriedade do nosso pai, Kiro. Ele disse que, enquanto Nannette estivesse em Paris, eu poderia ficar na casa e passar um tempo com nossa outra irmã, Harlow, que vivia em Rosemary Beach com o marido, Grant, e o bebê deles.

Essa devia ser a vingança daquela megera por eu estar dormindo na casa dela.

Agora a mulher repetia sem parar o refrão, o mais alto que conseguia. Por Deus, aquilo era um pesadelo. Ela tinha que calar a boca. Eu precisava dormir um pouco antes de visitar Harlow e a família. Minha irmã estava toda feliz por eu ter vindo do Texas até aqui. Mas essa louca estava conseguindo acabar com o meu sono.

Joguei as cobertas para o lado, me levantei e segui para a porta antes de me dar conta de que estava nu. Minha cabeça latejava por eu ter dormido tão pouco e fui ficando mais irritado enquanto procurava ao redor do quarto o maldito jeans que tirara ao chegar. Minha visão estava embaçada, e as cortinas escuras, fechadas. Que se dane! Estendi a mão para o lençol, enrolei-o na cintura e fui até a porta.

Abri a porta no instante em que ela começava a cantar o primeiro verso de outra música. Droga. Outra música, não! Desta vez, ela estava assassinando “Cruise”, de Florida Georgia Line.

Pisquei e esfreguei os olhos por causa da luz, com a visão ainda embaçada. Droga, será que a mulher ainda não tinha me visto ali parado?

Depois de alguns segundos, finalmente consegui entreabrir os olhos e ver uma bundinha redonda balançando enquanto a mulher se abaixava. Meus olhos lentamente se arregalaram quando focaram as pernas mais longas que eu já vira. E, minha nossa, a bunda! Será que aquilo sob a nádega esquerda era uma pinta?

Ela se levantou, e a cinturinha diminuta tornou aquela bunda ainda mais bonita. Ela continuou balançando o traseiro enquanto desafinava. Quando ela tentou uma nota muito aguda, cheguei a me encolher. Caramba, a garota não sabia mesmo cantar.

Então ela se virou, e eu quase não tive tempo de apreciar a vista frontal antes de ela gritar e deixar o aspirador de pó cair enquanto tirava os fones de ouvido. Olhos azul-bebê, grandes e redondos, me fitaram com horror enquanto ela abria e fechava a boca algumas vezes, como se tentasse falar.

Aproveitei o momento de silêncio para notar os lábios grossos rosados e o formato perfeito do seu rosto. O cabelo estava preso num coque muito escuro. Imaginei que comprimento teria.

– Eu sinto muito – ela conseguiu gaguejar, e meus olhos voltaram aos dela.

Ela realmente era incrível. Havia uma qualidade exótica naquela mu-

lher. Era como se Deus tivesse reunido todas as suas melhores peças para compor aquela pessoa.

– Eu não – respondi. *Não mais. Quem diabo precisa dormir? Ah, sim. Eu preciso.*

– Eu não sabia, hã... Pensei que a casa ainda estivesse vazia. Quer dizer, não sabia que tinha alguém aqui. Não havia carro do lado de fora, e eu toquei a campainha, mas ninguém atendeu, então digitei o código e entrei.

Ela não era do Sul. Talvez do Meio-Oeste. Eu só sabia que não era dali. Ela não tinha o toque anasalado do sotaque local. Havia uma maciez em sua voz.

– Cheguei de avião. Um táxi me trouxe até aqui e foi embora – respondi.

Ela assentiu e olhou para os próprios pés.

– Vou fazer silêncio. Posso terminar essa parte mais tarde. Vou descer e começar pelo térreo hoje.

Fiz que sim com a cabeça.

– Obrigado.

As bochechas dela ficaram vermelhas quando seu olhar pousou no meu peito nu. Então ela se virou e bateu em retirada, deixando o aspirador de pó para trás. Fiquei olhando, saboreando a maneira como sua bunda balançava. Caramba, tomara que ela limpe a casa várias vezes por semana. Da próxima vez, eu não estaria exausto. Da próxima vez, descobriria o nome dela.

Quando ela saiu do meu campo de visão, voltei para o quarto e fechei a porta. Um sorriso surgiu em meus lábios ao me lembrar da expressão no rosto dela assim que percebeu que eu estava vestindo apenas um lençol. Como a Nan tinha uma faxineira com uma aparência daquelas? A garota era maravilhosa.

Deitei de costas e fechei os olhos. A imagem daquela pinta bem embaixo daquelas curvas carnudas me veio à cabeça. Eu queria lamber aquela marquinha. Era a pinta mais bonitinha e safada que eu já tinha visto.

— **A**imeudeus, aimeudeus, aimeudeus – murmurei, afundando no sofá mais próximo e cobrindo o rosto com as mãos.

Eu não tinha percebido que havia alguém na casa. Eu acordei o cara. Ele pareceu aborrecido. Ah, Deus, não dava para saber. Fiquei nervosa com a possibilidade de ele me demitir. Essa era a minha melhor faxina, a que pagava melhor, mas eu nunca tinha encontrado o proprietário. Eu trabalhava para uma agência de limpeza, e eles me mandavam à casa dos clientes. Era a maior casa que eu tinha, e essa faxina semanal pagava meu aluguel, as contas de serviços e a alimentação. As outras eram menores, então, se eu perdesse essa, precisaria de todos os outros trabalhos somados para pagar as contas. Não sobraria nada para a minha poupança. Nenhuma reserva.

Ver aquele peito nu mexeu comigo, e eu fechei os olhos bem apertados, tirando-a da minha cabeça. Eu não confiava em homens. Bem, exceto no meu vizinho Jimmy. Fora ele quem me apresentara ao pessoal da agência de limpeza. Jimmy gostava de homens, não de mulheres, então eu me sentia segura com ele.

Em geral, ver o peito de um homem não me deixava assim tão interessada. Mas aquele peito... bom, era bonito *de verdade*. Os braços dele eram grossos e os músculos, definidos. O que eu estava pensando? Sim, o corpo dele era bonito, mas homens como ele, que viviam em casas como essa, não queriam alguém como eu para nada além de sexo casual.

Aquele cara era rico e lindo e provavelmente tinha uma mulher na cama com ele, que também era rica e linda. Na verdade, eu estava certa de que tinha. No maior quarto do andar de cima havia um closet enorme, lotado com as roupas mais bonitas que eu já tinha visto. Uma mu-

lher devia morar ali e esse cara devia ser o namorado dela. Eu só não sabia por que ele estava dormindo em outro quarto. Mas isso não era da minha conta. Portanto, independentemente de quanto aqueles braços e peito fossem bonitos, ou de quanto o rosto dele fosse perfeito, mesmo com uma barba de vários dias, não era seguro eu ficar pensando nele.

Eu precisava garantir que não perderia esse trabalho. O lugar estava normalmente bem limpo, porque ninguém tinha aparecido nesses meses em que eu vinha trabalhando na casa, mas eu o limpava todas as semanas como se estivesse imunda. Não se podia encontrar poeira em lugar nenhum, e eu até organizava a despensa e os produtos de limpeza, arrumando os armários e jogando fora comidas que tivessem perdido a validade.

Levantando-me, sacudi a vergonha por ter acordado o cliente cantando a sei lá que volume e passando o aspirador de pó na frente da porta do quarto dele. Quando ele visse a limpeza do lugar, talvez perdoasse meu erro.



Três horas mais tarde, o andar térreo estava imaculado. Eu havia até limpado o refrigerador e o freezer inteiros outra vez, dando ao cliente tempo suficiente para dormir. Fui para o segundo andar e limpei cada quarto de cabo a rabo até que não encontrasse mais nada para limpar, antes de finalmente chegar ao pé da escada e olhar para o terceiro andar. Era uma da tarde, e o cara ainda estava na cama. Eu tinha três quartos e três banheiros inteiros para encarar, mais uma sala de TV e outra de jogos, com um bar completo. A sala de jogos era longe o bastante do quarto dele e, se eu fosse silenciosa, provavelmente poderia limpá-la sem acordar o sujeito.

Subi a escada na ponta dos pés e passei devagarzinho em frente ao quarto. Quando cheguei a salvo à sala de jogos, soltei um suspiro de alívio. Fechei a porta atrás de mim e me virei para aquele salão grande e intocado. O bar era abastecido com todo tipo de bebida alcoólica imaginável e com tantos copos diferentes que eu não podia sequer começar a deduzir o que era servido em quê. Atravessei o salão e coloquei a cesta de produtos de limpeza no chão. Decidi que gastaria mais tempo limpando as janelas. Puxei uma cadeira e a cobri com um pano antes de pisar nela.

O pé-direito tinha quase quatro metros de altura, o que tornava certas partes das janelas difíceis de alcançar. Às vezes eu usava uma escada, mas trazê-la até ali faria muito barulho.

Subi na cadeira com um pano para começar a limpar a janela de cima para baixo, mas meu celular tocou. *Droga!* Eu sempre colocava o volume no máximo quando fazia faxina, para ouvir se o deixasse em algum lugar da casa. Desci correndo, mas meu pé escorregou. Me encolhi um pouco antes de a cadeira virar e meus braços se esticaram para agarrar a coisa mais próxima. Era um enorme espelho decorado.

O som do vidro quebrado ressoou pouco antes do meu traseiro bater no chão com um baque que ecoou.

E o meu maldito celular ainda tocava a todo o volume.

Virei-me e tentei desesperadamente alcançá-lo, mas não consegui. O barulho continuou enquanto eu me arrastava até ele, com as pernas retorcidas.

Então a porta se abriu, e eu fiquei paralisada.

Ali estava eu, sentada no chão, com vidro estilhaçado ao meu redor, junto a uma cadeira de pernas para o ar. A única coisa positiva foi que meu celular finalmente parou de tocar.

– Que diabo aconteceu aqui? Você está bem? – perguntou ele, caminhando em minha direção, vestindo só uma cueca boxer.

Pelo menos não estava totalmente nu.

Desviei os olhos dele e de seu corpo seminu e inspirei profundamente. Eu tinha quebrado o espelho dele e o acordado outra vez.

– Eu sinto muito. Vou pagar pelo espelho. Sei que ele deve custar muito dinheiro, mas você não precisa me pagar pela faxina até que o valor dele esteja completo. Posso até vir mais de uma vez por semana, de graça.

Ele franziu a testa, e meu estômago se contraiu. Ele não estava contente.

– Você está sangrando? Caramba, me dê sua mão.

Ele se ajoelhou e pegou minha mão esquerda. Com certeza havia um pedaço de vidro nela e o sangue escoava lentamente em torno do estilhaço.

– Você vai precisar tomar pontos. Vou me vestir e levar você ao hospital – disse ele, levantando-se e indo em direção à porta.

Fitei os estilhaços ao redor e voltei a olhar para a porta. Ele ia me levar para tomar pontos. Por causa disso? Se minha agência de limpeza descobrisse, eu seria demitida. Eu não podia deixar que o cara fizesse um estardalhaço. Eu só precisava de água oxigenada e de algo para cobrir aquilo. Depois poderia limpar a bagunça que havia feito.

Levantei e logo me encolhi com a dor nas costas. Com certeza ia ficar com um hematoma. Tentei tirar algumas lascas de vidro ainda presas na roupa, mas elas abriram minúsculos cortes nos meus dedos. O sangue que escorria pelas minhas pernas só fazia as coisas parecerem ainda piores.

Afastei-me do estrago que eu mesma havia provocado. Quando tive certeza de que não estava carregando cacos de vidro comigo, peguei um pano de limpeza em minha cesta, fui para o banheiro mais próximo, à direita da sala de jogos, molhei o tecido e passei em minhas pernas.

– O que você está fazendo?

Pelo tom de voz, ele parecia bravo. Levantei a cabeça e recuei quando ele apareceu à porta do banheiro. Meu pé estava sobre a tampa do vaso sanitário, e imediatamente o pus de volta no chão.

– Desculpe eu estar descalça. Eu ia limpar a tampa do vaso depois de terminar isso.

A testa dele ficou mais franzida. Droga. Eu não estava melhorando as coisas.

– Eu não quero saber dessa porcaria de vaso. Por que você não esperou que eu a ajudasse a se levantar? Você podia ter pisado em mais cacos.

O quê? Desta vez fui eu que franzi a testa. Eu não estava entendendo.

– Eu tomei cuidado – repliquei, ainda incerta sobre o que o havia irritado.

– Venha aqui. Vou tirar esse caco de vidro, limpar a ferida e cobri-la antes de sairmos. Você não pode continuar com isso aí. Pode infeccionar.

– Está bem – respondi, com medo de dizer não.

Ele estava claramente decidido a me ajudar.

Ele se virou e se dirigiu para a porta, então o segui. Só olhei para baixo uma vez, para a bunda dele, porque estava curiosa para ver como ela ficava naquele jeans que ele estava usando. Era tão impressionante quanto de frente. Aquele jeans ficava muito bem nele.

Subi o olhar pelas costas dele e percebi que ele tinha um rabo de cavalo. O cabelo não era tão longo, mas parecia ir ao menos até os ombros. Antes eu não havia me permitido olhar para ele o suficiente para notar isso. Seus olhos e seu maxilar bem marcado haviam prendido toda a minha atenção.

Chegamos à porta do quarto dele, e ele recuou um passo, acenando para que eu entrasse.

– Eu não faço ideia de onde Nan guarda o kit de primeiros socorros, mas tenho alguma coisa na minha bolsa. Estou tratando uma lesão, resultado da queda de um cavalo que estou domando, então vim preparado.

Nan? Quem era Nan?

– Você não mora aqui? – perguntei.

Ele puxou um estojinho azul da bolsa de lona camuflada e voltou a olhar para mim. Um sorrisinho levantou os cantos da sua boca e seus olhos dançaram, parecendo se divertir.

– De jeito nenhum. – Ele deu uma risadinha. – Você já conheceu a Nannette? Ninguém moraria com ela por vontade própria. Mas o dono desta casa é o nosso pai, então posso ficar aqui sempre que quiser. Decidi vir agora enquanto ela está fora.

– Ah, nunca tinha visto ninguém aqui antes de você – respondi.

– Isso explica muita coisa – murmurou ele, então riu, como se soubesse de uma piada e eu não. Ele estendeu a mão. – Aqui, me dê a sua mão. Vou fazer com cuidado, mas mesmo assim vai arder.

Eu não deixava homens me tocarem. Mas alguma coisa na maneira preocupada com que ele estudava a palma da minha mão me fez confiar nele. Ele era um cara legal, ou parecia ser. Não estava me olhando de um jeito que me deixasse nervosa.

Coloquei minha mão virada para cima sobre a dele, e ele me olhou com se pedisse desculpas, como se fosse culpa dele. Observei enquanto ele retirava lentamente o pedaço de vidro e depois passava um chumaço de algodão embebido em água oxigenada no machucado. Sim, ardeu, mas eu já tinha sentido coisa muito pior.

Ele inclinou a cabeça e começou a soprar delicadamente a ferida enquanto a limpava. O frescor do sopro dele sobre a minha pele diminuiu



a ardência e eu fiquei fascinada com o biquinho que seus lábios formavam. Ele era real? Será que eu tinha batido a cabeça quando caí? Não seria só um sonho estranho?

Ele manteve o algodão pressionado contra a ferida usando o polegar enquanto pegava outro chumaço de algodão e esparadrapo.

– Queria ter uma pomada para passar, mas raramente uso, então não trouxe. Mas tenho analgésico e você pode tomar um comprimido para diminuir a dor até a gente chegar ao hospital.

Limitei-me a assentir com a cabeça. Não sabia mais o que fazer. Ninguém jamais se preocupara com meus machucados. E eu tive vários.

– Aliás, meu nome é Mase – disse ele, olhando para mim enquanto enfaixava minha mão.

– Gostei desse nome. Nunca tinha ouvido antes.

Ele riu.

– Obrigado. Você tem um nome?

Ah. Ele estava perguntando qual era o meu nome. Ninguém para quem eu havia trabalhado antes perguntara meu nome. Exceto uma cliente. Mas ela era diferente dos clientes nos outros lugares onde eu trabalhava.

– Sim, tenho. É Reese.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)